

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ANTES DA USINA: PERSPECTIVAS SOBRE O USO DA TERRA NAS ÁREAS ATINGIDAS PELA UHE DE SALTO CAXIAS, PR

Fernando Marciniak
Doutorando em História – UNIOESTE – fernando.marciniak@gmail.com

Introdução

O presente trabalho busca analisar as perspectivas que a população atingida pela Usina Hidrelétrica Governador José Richa (Salto Caxias) possuía em relação às terras nas quais viviam em períodos anteriores à instalação da barragem. A referida obra é um empreendimento da Companhia Paranaense de Energia (COPEL), edificada entre 1995-1999, no Rio Iguaçu. Ao todo, foram nove municípios do Oeste e Sudoeste do Paraná atingidos de forma direta, o que gerou impactos ambientais e socioculturais em virtude da realocação de milhares de famílias para os reassentamentos enquanto forma de compensação financeira pelos bens perdidos com a formação do reservatório. Para tal análise, busca-se identificar as perspectivas da população atingida em relação às terras que ocupavam, as quais foram alagadas a partir da instalação da Usina. A organização dos projetos hidrelétricos desconsidera muitos dos elementos simbólicos que integravam o cotidiano dos atingidos, pois o cumprimento dos protocolos legislativos e ambientais enfatizam o empreendimento como base do progresso nessa região.

Os interesses desenvolvimentistas envolvidos nessa obra minimizavam as formas de organização sociocultural das comunidades atingidas, ao mesmo tempo em que enfatizavam as possibilidades econômicas que seriam usufruídas por esses sujeitos nos reassentamentos. Entretanto, os conhecimentos tradicionais no trabalho com a terra e o sentimento de pertencimento com esses espaços, não seriam transferidos/substituídos da mesma forma que os elementos físicos/quantitativos propostos pela COPEL. Essa instrumentalidade financeira não se mostrou suficiente na reorganização dos modos de vida nos reassentamentos.

Para essa análise, utilizaremos três entrevistas que foram produzidas em 2017, as quais serão problematizadas em seu caráter histórico/documental, dialogando com a historiografia sobre construções de barragens. A produção desse material ocorreu ao longo do curso de mestrado em história junto a Universidade Estadual do Centro-Oeste

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

UNICENTRO, envolvendo as seguintes fases. Primeiramente teve-se o contato para apresentação sobre as intenções da pesquisa e o pedido de colaboração aos reassentados, marcando as datas e locais para as entrevistas. Por fim, foi entregue o relatório digitalizado mediante a leitura do conteúdo produzido, quando foi assinado a carta de concessão de usos autorais desse material. Ao longo desse trabalho, optamos por manter as perguntas feitas aos entrevistados, ampliando a contextualização dos argumentos gerados a partir das falas. Por meio disso, busca-se perceber como as narrativas criadas pela COPEL em torno do projeto hidrelétrico desconsideram as relações sociais desses sujeitos com os espaços vividos/atingidos, desvalorizando suas formas de trabalho com a terra em contraste aos modelos da agricultura moderna.

Narrativas sobre as terras atingidas pela Usina

Há décadas, vários setores governamentais dedicaram-se a estudar perspectivas que superem os entraves do desenvolvimento econômico nacional. Para isso, o aproveitamento dos recursos naturais foi fundamental por meio das interferências humanas na natureza, através de técnicas e instrumentos científicos na produção de bens materiais. Nesse sentido, a oferta de eletricidade tornou-se crucial em virtude da crescente demanda industrial e pelo padrão de consumo que se estabeleceu entre a população brasileira na segunda metade do século XX¹.

Para disponibilizar essa eletricidade, foi necessário construir enormes obras e interromper o curso natural de vários rios com barragens de concreto, represando milhões de litros de água canalizadas para movimentar turbinas que gerariam eletricidade, a qual seria levada às diferentes regiões por meio das redes de transmissão. Entretanto, tais empreendimentos proporcionam profundas transformações sobre as paisagens naturais, além dos múltiplos impactos sobre as organizações socioculturais das comunidades atingidas. Essas obras estão historicamente envolvidas com descasos às cláusulas

¹ Ver mais em: SILVA, Bruno Gonçalves da. **Evolução do setor elétrico brasileiro no contexto econômico nacional**: uma análise histórica e econométrica de longo prazo. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 2011.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ambientais e sociais, pois negligenciam amparo diante das mudanças proporcionadas². As hidrelétricas são entendidas pelo Estado como sinônimo de progresso, embutidas da missão civilizadora na integração do homem com a natureza, a fim de modernizar diversas regiões como Oeste e Sudoeste do Paraná afastadas dos grandes centros urbanos.

Tal perspectiva pode ser analisada por meio da edificação da Usina Hidrelétrica Governador José Richa – Salto Caxias, localizada nas regiões do Oeste e Sudoeste do Paraná. Seu reservatório atingiu diretamente nove municípios dessa área, removendo 1.322 famílias em 52 comunidades, sendo a quinta Usina dentre as seis que atualmente operam no rio Iguaçu³ (RIMA, 1993). A remoção da população atingida por essa obra compartilha muitos elementos em comum com outras Usinas, contudo, o elemento que prevalece é o desenvolvimentismo socioeconômico.

A partir disso, busca-se analisar o processo histórico de mudança sobre as formas de trabalho, visões de mundo e as relações com o espaço que não foram levadas em consideração no processo da instalação da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias, materializando as organizações sociais anteriores ao estabelecimento da barragem. São estabelecidas comparações entre os aspectos desenvolvimentistas e progressistas que essa obra empreenderia para o Estado do Paraná, em contraste às representações das populações atingidas. Para essa problemática, serão utilizadas algumas entrevistas que foram produzidas junto aos lares da população reassentada, apresentando narrativas sobre suas experiências no processo de construção da Usina e a luta por indenização justas.

A técnica para a escolha dos entrevistados se deu pelo efeito bola de neve, em que um sujeito entrevistado indica o outro, sendo requisito básico ser reassentado. Para interpretar os sentidos conferidos na produção das fontes orais, as contribuições de Verena Alberti são fundamentais ao afirmar que:

As narrativas na História Oral (e não só elas) se tornam especialmente
pregnantes, a ponto de serem ‘citáveis’, quando os acontecimentos no
tempo se imobilizam em imagens que nos informam sobre a realidade.

² Ver mais em: ZUCARELLI, Marcos Cristiano. O Papel do Termo de Ajustamento de Conduta no Licenciamento Ambiental de Hidrelétricas. In: ZHOURI, A. (org.). **As tensões do lugar**: hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

³ Em operação estão: Usina Governador Bento Munhoz da Rocha Netto (Foz do Areia), Usina Governador Ney Braga (Salto Segredo), Usina Hidrelétrica Salto Santiago, Usina de Salto Osório, Usina Governador José Richa (Salto Caxias) e Usina Baixo Iguaçu. Disponível em: <https://www.copel.com/mhbweb/paginas/bacia-iguacu.jsf>. Acesso em: 04 maio 2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É neste momento que as entrevistas nos ensinam algo mais do que uma versão do passado (ALBERTI, 2004, p. 89).

As narrativas apresentam particularidades na formação do sistema energético brasileiro, processo que envolveu protestos e manifestações na luta pelo reconhecimento dos direitos sobre a posse da terra. Segundo Laschefski (2011, p. 40), os projetos hidrelétricos são formulados a partir de princípios “[...] técnicos, negligenciando a historicidade do lugar, que é resultado do processo da identificação e construção do próprio território durante a permanência de várias gerações das famílias na referida localidade”.

Em Salto Caxias, após várias reuniões entre a empresa construtora com a população atingida⁴, determinaram-se duas formas de compensação financeira em relação aos bens perdidos, destacando-se a construção de reassentamentos rurais para realocação das famílias atingidas, mantendo-os próximos às atividades da agropecuária, e como segunda opção realizaram-se avaliações financeiras sobre os itens que compõem as moradias atingidas, a fim de gerar determinado valor que seria disponibilizado em forma de Carta de Crédito, possibilitando maior autonomia aos sujeitos na escolha dos investimentos a serem realizados.

[...] 425 famílias escolheram a carta de crédito e 600 preferiram o reassentamento. [...] aos que escolheram a carta de crédito, a COPEL providenciou o pagamento e a locação de cada família. Para o reassentamento foram adquiridas 10 áreas, num total de 18.590 hectares em municípios localizados na região Oeste do Paraná (KARPINSKI, 2007, p. 6).

Os reassentamentos foram projetados em sua maioria a cerca de 100 quilômetros de distância dos locais atingidos, mudando completamente as características físicas e sociais, conseqüentemente, dificultando as adaptações familiares. As incertezas sobre o que enfrentariam nessas moradias impulsionaram algumas comunidades a lutar pela construção dos reassentamentos nos próprios municípios atingidos, iniciativa que

⁴ Ao longo das negociações, a população atingida contou com a representatividade da Comissão Regional dos Atingidos por Barragem no Rio Iguaçu – CRABI, a qual manteve contato com populações atingidas em outras hidrelétricas construídas pela Copel, fornecendo informações que contribuíram para o fortalecimento do movimento. Ver mais: DERROSSO, Guiliano; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. O papel da Crabi no assentamento dos ribeirinhos atingidos pela construção da hidrelétrica de Salto Caxias no estado do Paraná. Revista de Administração Pública, v. 47, p. 133-155, 2013.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

contrariava os interesses da COPEL. A justificativa dada pela empreiteira pautava-se na compreensão de que a região Oeste do Paraná possuía características que contribuíam de forma mais incisiva para o desenvolvimento agrícola. Segundo Cunha e Fabrini (2015, p. 80), “[...] para muitos agricultores, a qualidade da terra, a qual se referem como ‘bonita’, [...] pouco acidentada permitia que o proprietário possa cultivá-la quase que na totalidade, sendo este um dos fatores que motivaram sua escolha”.

Após várias negociações, a COPEL garantiu a construção de reassentamentos em dois municípios diretamente atingidos pelo reservatório, sendo em Boa Esperança do Iguaçu e outro em Nova Prata do Iguaçu. Na perspectiva econômica capitalista, as terras atingidas pela Usina não apresentavam condições favoráveis ao desenvolvimento agrícola, pois os terrenos eram íngremes e as técnicas de cultivos eram ultrapassadas. A organização social para o trabalho baseava-se em práticas tradicionais repassadas entre as gerações, utilizando-se da força braçal e da cooperação entre os vizinhos para a realização das atividades cotidianas. Isso é possível se perceber na entrevista do Sr. Antônio, que diferencia as relações de trabalho antes e depois da instalação da Usina:

Fernando: Como era a convivência entre os vizinhos antes da construção da Usina?

Sr. Antônio: Trabalhava sem custo nenhum, nós íamos lá e ajudava eles, quando nós tínhamos serviço lá em casa, eles vinham e ajudavam. O negócio de hoje é assim, se eu convidar um para trabalhar comigo, primeiro querem saber quanto que se paga, é naquela época não, um vizinho ajudava o outro⁵.

Por meio dessa narrativa, é possível perceber as alterações nas relações sociais ao longo do tempo, destacando o enfraquecimento dos auxílios mútuos após a instalação da Usina. Essa monetarização se intensificou à medida que atividades agrícolas foram sendo realizadas com uso de máquinas, diminuindo a necessidade de mão de obra em períodos de plantio e colheita. Trata-se da implementação do modelo desenvolvimentista/técnico voltado à produção agroexportadora, a qual visa maximizar a produção por meio de instrumentos químicos, como fertilizantes e agrotóxicos. Sobre a modernização das atividades no campo, Schreiner nos apresenta a seguinte perspectiva:

⁵ Entrevista concedida a Fernando Marciniak em 13/05/2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O discurso da modernidade, cujo *locus* de ação se dá no cotidiano, articula uma única explicação do nosso tempo, enaltecendo o desenvolvimento da técnica e da tecnologia, transformando a máquina no símbolo da racionalidade máxima. Neta lógica, o desenvolvimento se dá num único sentido, o da eliminação do arcaico. Valores, bens, mercadorias em uma cultura, são criadas e recriadas para uma sociedade de consumo, justificando as ações do Estado com vista ao desenvolvimento econômico-social. (SCHREINER, 2002, p. 71).

A racionalidade instrumental empregada pela COPEL na realocação dos atingidos em assentamentos visava transformar as formas de trabalho com as terras, demandando o uso de técnicas que possibilitassem a ampliação da produção e, conseqüentemente, a inserção destes produtores nos sistemas produtivos de larga escala. Para isso, era necessário o uso das máquinas que, somado às desvinculações dos espaços tradicionais, proporcionaria fortes alterações nas relações de vizinhança. Nesse sentido, o desenvolvimentismo empregado pela hidrelétrica de Salto Caxias ultrapassava o princípio da oferta de eletricidade, pois disponibilizava meios para que a população rural atingida se incluísse nos moldes progressistas/racionalistas da agricultura expansionista.

Os elementos quantitativos e materialistas usados pela construtora da barragem na classificação dos modos de vida dessa população desconsideravam vários elementos simbólicos importantes na representatividade sociocultural desses sujeitos, o que pode ser observado na fala do Sr. Antônio, ao narrar suas lembranças sobre os espaços alagados:

Fernando: Do que o Sr. mais sente falta do período anterior a usina?

Sr. Antônio: No começo que nós viemos aqui (reassentamento), eu gostava mais de descer para lá. A gente tinha saudade do terreninho, era pouco, era pedreira, mas homem do céu, não tinha lugar para produzir mais do que lá, nós plantávamos e quando ia colher com a trilhadeira (máquina de colher) aquilo ficava branco de sacaria de feijão. O pessoal passava na estrada e via o tamanho do feijão, pediam para mim quantos sacos de adubo tinha colocado. Mas que adubo homem? Eu nem conhecia, falar bem a verdade, naquele tempo eu não sabia o que era adubo, veneno ou oreia, nada mesmo. [...] Bom eu vim passar veneno nas roças depois que vim morar aqui, que lá em baixo eu não chegava nem perto, se você tivesse passando veneno eu passava longe de medo. Mas hoje em dia é tudo na base do veneno⁶.

⁶ Entrevista concedida a Fernando Marciniak em 13/05/2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A relação desses sujeitos com as terras alagadas não poderá ser reestabelecida, pois as águas do reservatório encobriram inúmeras paisagens em locais como das escolas, igrejas e as próprias moradias. Tais elementos permanecem guardados na memória e ao serem lembrados e proporcionam recordações de diferentes momentos vividos em ambientes que foram perdidos.

Mesmo não utilizando adubos químicos, agrotóxicos ou máquinas agrícolas, os saldos de produtividade atendiam às expectativas desses produtores, os quais conseguiam suprir suas despesas e davam continuidade a seu ritmo de vida. Entretanto, as narrativas governamentais procuram reconfigurar a utilização dos espaços agrícolas sob a lógica do capital econômico, substituindo essa apropriação simbólica pelo progressismo rural. Essa integração territorial protagonizada pelo Estado possuía o intuito de substituir um amplo sistema de significação sobre os usos da terra, que vigorava antes da instalação da usina, pela mercantilização. Em outras palavras, Salto Caxias empregaria nessa região, caracterizada até então pelos baixos índices de crescimento econômico, o contraste necessário, pois realocaria essa população em propriedades suscetíveis a novas técnicas agrícolas.

Durante a construção da barragem, essas narrativas foram implementadas com o intuito de minimizar os impactos simbólicos/culturais que a remoção desses atingidos proporcionaria, transformando suas terras em bens materiais que poderiam ser facilmente negociadas. Nessa perspectiva, Assis (2011, p. 140) afirma que “[...] o reassentamento da população atingida é geralmente concebido como simples processo de transferência material ou como mera transação mercantil efetivada através da reposição física e da indenização”. As multiplicidades das relações sociais são reduzidas e homogeneizadas por meio da compra ou troca, ignorando os saberes/vivências locais em detrimento dos avanços que a hidrelétrica disponibilizaria nas infraestruturas dos reassentamentos⁷.

A organização das narrativas desenvolvimentistas organizadas pela COPEL precisava ser compreendida e assimilada no imaginário social dos atingidos,

⁷ Entre os itens que compõem as infraestruturas ofertadas, destacam-se casas de alvenaria, que teriam tamanho de acordo com o número de integrantes da família, galpões, água encanada, energia elétrica, estadias em boas condições. Ver mais: KARPINSKI, Cezar. Relações e situações durante a implantação da usina hidrelétrica Salto Caxias (Paraná, 1990-2001). *Diálogos* (On-line), v. 13, p. 715-739, 2010.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

reconhecendo os múltiplos benefícios que vinham sendo assegurados, conforme destacado na fala do Sr. Miguel ao tratar das pessoas que venderam suas terras:

Fernando: Quais os possíveis motivos que levaram alguns reassentados a venderem suas propriedades, na opinião do Senhor?

Sr. Miguel: Não deram valor para o que pegaram, é isso! Nunca mais alguém vai pegar o que nós peguemos. Então, isso aqui a gente tem que louvar e agradecer a Deus pelo que conseguimos. Muitos não colocaram isso na cabeça e acabaram vendendo⁸.

Após a fixação dos atingidos nos reassentamentos, houve intenso processo de valorização das terras recebidas como indenização, conseqüentemente, aumentando as especulações imobiliárias que favoreciam a venda dessas propriedades. Essa situação contrapunha-se as narrativas da COPEL que apontava para adaptações fáceis e rápidas a partir das infraestruturas ofertadas. Nesse contexto, a fala do Sr. Miguel representa os reassentados que não se desfizeram das moradias, referindo-se aos que “não deram valor” para sujeitos que não reconheceram a superioridade dos princípios econômicos que compunham as moradias adquiridas. Outro elemento que chama a atenção é o agradecimento pelos benefícios adquiridos, os quais se somam às terras como oportunidade única para o melhoramento das condições de vida, fortalecido pelos ideais progressistas.

Salto Caxias possibilitava a permanência dos atingidos no trabalho com a terra, permitindo o uso de novas técnicas para as práticas agrícolas, as quais proporcionariam resultados econômicos positivos. Por isso, a instalação da barragem traz em seu repertório a solução dos problemas econômicos, tecnológicos e sociais, além de contribuir para o progresso do Paraná. Após várias negociações, Derrosso e Ichakawa (2014, p. 08) destacam o Termo de Compromisso assinado pela COPEL para estabelecer “calendário e critério para o início das indenizações; garantia de reassentamento para pequenos proprietários, arrendatários, meeiros, posseiros, onde essas indenizações deveriam ser efetuadas antes da construção da barragem”. A inclusão dos sujeitos que ocupavam as áreas atingidas nas indenizações, mesmo não sendo proprietários das terras, aumentava a visão inovadora/transformadora da barragem, conforme destacado na fala do Sr. Salvador.

⁸ Entrevista concedida a Fernando Marciniak em 13/05/2017

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Fernando: O Sr. era proprietário das terras que ocupava antes da construção da barragem?

Sr. Salvador: Não! Eu não era dono. Nos plantávamos e cuidava o gado. Eu plantava dois alqueires de terra para mim, então aquilo era meu, podia soltar o gado ou não. Era eu que mandava ali, ganhava um pouco também, era difícil, mas meu patrão gostou de mim e fui ficando. Aí esse patrão acabou vendendo para outro, mas eu fique também. Valeu a pena né! Aí passou a cadastramento para depois a Copel dá isso aqui para nós. Na verdade, a Copel foi uma mãe para nós⁹.

A comparação feita pelo Sr. Salvador possibilita compreender a percepção em relação a períodos anteriores e posteriores à instalação da Usina, o que demonstra a eficácia da COPEL no fortalecimento da dicotomia entre a realidade sofrida vivenciada pelos trabalhadores na manutenção das parcerias com os fazendeiros da região em oposição às perspectivas de melhorias por meio da construção dos reassentamentos, tornando-os proprietário de terra, pois poderiam produzir segundo seus próprios critérios. Essas narrativas entre comunicador e receptor pode ser vinculada aos fundamentos de Bourdieu (2008, p. 53) quando afirma que “[...] a troca linguística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital linguístico, e um consumidor, capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico”. A construtora desse empreendimento, a partir de sua instrumentalidade, efetivou marcos importantes na fixação da representatividade do empreendimento, bem como da própria empresa, a qual foi comparada a uma mãe, na fala do Sr. Salvador.

As formas de uso e ocupação das terras sofreram profundas mudanças após a instalação nos reassentamentos, porém só assim seria possível proporcionar o surgimento de novas frentes econômicas para o mercado agroexportador. Nesse processo, Martin (2016, p. 22) afirma que o uso de “[...] técnicas e tecnologia para alcançar o desenvolvimento material e o progresso para toda a sociedade instrumentalizando a natureza para estes fins, como um bem coletivo e socialmente positivo, mas que esconde interesses políticos, sociais de certos segmentos para determinados fins”. Assim, as narrativas são produzidas para atender às expectativas governamentais, enfatizando as

⁹ Entrevista concedida a Fernando Marciniak em 27/05/2017

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dificuldades enfrentadas sobre os modos de vida existentes ao lançar perspectivas nas quais o futuro preparado pela Usina seria promissor a esses sujeitos. Isso pode ser relacionado com os escritos de Reinhart Koselleck, ao abordar os fundamentos do progresso, mesmo referindo-se ao contexto do século XIX, é possível relacionar com o desenvolvimentismo das hidrelétricas.

O progresso reunia, pois, experiência e expectativa afetadas por um coeficiente de variação temporal. Um grupo, um país, uma classe social tinha consciência de estar à frente dos outros, ou então procuravam alcançar os outros ou ultrapassá-los. Aqueles dotados de uma superioridade técnica olhavam de cima para baixo o grau de desenvolvimento dos outros povos, e quem possuísse um nível superior de civilização julgava-se no direito de dirigir esses povos. Na hierarquia dos estamentos via-se uma classificação estática, que o impulso das classes progressistas deveria ultrapassar (KOSELLECK, 2006, p. 317).

O progresso representado pela geração de energia em Salto Caxias possibilitava a inserção dessa região aos moldes da modernização industrial, implantando sistemas tecnológicos tanto no campo quanto nas cidades, a fim de legitimar as ações do sistema energético. As barragens minimizam a representatividade simbólica dos espaços atingidos, as quais não se traduzem na recomposição de maiores quantidades de terras cultivadas, uma vez que envolvem significados que integram o modo de vida e a identidade desses sujeitos, ultrapassando os limites do progresso financeiro. As lembranças sobre as vivências nas moradias alagadas foram mencionadas pelo Sr. Antônio, que manteve seu olhar fixo ao chão ao relatar.

[...] A gente chega lá (reservatório), e sabe mais ou menos aonde passava para chegar na nossa terra. No lugar da casa, teve até pouco tempo um pé de abacate que se enxergava as gaiada, mas hoje não tem mais nada. Queira ou não queira, foi onde a gente começou né. Eu sei lá, hoje a gente tem mais terra aqui em cima (reassentamento), mais nunca conseguimos acostumar aqui, igual nós gostávamos lá de baixo¹⁰.

As infraestruturas das moradias e terras propícias à implementação de técnicas para o cultivo voltados à ótica do agronegócio nos reassentamentos não foram suficientes para comportar os processos de adaptação. A busca incessante por produção em larga

¹⁰ Entrevista concedida a Fernando Marciniak em 13/05/2017

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

escala, voltada à comercialização e à obtenção de lucro, teve dificuldade de inserir-se nas organizações sociais. Os espaços alagados constituíram parte das vivências sociais, oferecendo elementos que integraram as representações identitárias desses sujeitos. Porém, essa problemática foi sucumbida pelas euforias do progresso que Salto Caxias representava, apresentando a necessidade de interferir segundo os instrumentos científicos para empregar melhorias sobre as realidades vividas.

Considerações Finais

Na análise das entrevistas da população atingida pela UHE de Salto Caxias foi possível identificar a contraposição de narrativas sobre o uso das terras, desconsiderando as relações socioculturais das pessoas que foram forçadas a deixarem suas moradias para possibilitar a instalação do progresso. As melhorias das estruturas físicas foram enaltecidas como grande possibilidade de melhorias nas condições de vida nos reassentamentos, porém esse processo ultrapassa as fronteiras econômicas/matérias. Essas obras afetam os modos de organização comunitária, induzindo-os a adotarem os modernos sistemas agrícolas como via para maximização da produção aos moldes do agronegócio exportador, entretanto as dificuldades geradas nesse processo têm contribuído para desvinculação desses sujeitos das atividades com a terra.

Referências bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ASSIS, Wendell Ficher Teixeira. “In-Visibilizar” Populações e Legitimar Iniquidades: A apropriação do discurso do desenvolvimento sustentável do setor elétrico. *In: ZHOURI, Andréa. (org.). As tensões do lugar: Hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 219-238.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: Edusp, 2008.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

DERROSSO, Giuliano Silveira; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. **A construção de uma usina hidrelétrica e a reconfiguração das identidades dos ribeirinhos:** um estudo em Salto Caxias, Paraná. *Ambiente & Sociedade*, v. 17, p. 97-114, 2014.

FABRINI, João Edmilson; CUNHA, Emerso Cristani. **Conquistas e perdas dos atingidos pela Usina de Salto Caxias:** O caso da comunidade Nova União em Cascavel (PR). *Revista do Desenvolvimento Regional – Faccat, Taquara*, v. 12, n. 1, p. 69-87, jan./jun. 2015.

INTERTECHNE – LEME – ENGEVIX – ESTEIO. **Relatório de impacto ambiental.** Curitiba: Intertechne – Leme – Engevix – Esteio, 1993.

KARPINSKI, Cesar. **Sobre as Águas a Memória:** Relações de poder e subjetividade durante a Implantação da Usina Hidrelétrica Salto Caxias (Paraná, 1989-2001). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado:** contribuição à semântica dos tempos históricos. São Paulo: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

LASCHEFSKI, Klemens. Licenciamento e equidade ambiental: as racionalidades distintas de apropriação do ambiente por grupos subalternos. *In: ZHOURI, Andréa. (org.). As tensões do lugar: Hidrelétricas, sujeitos e licenciamento ambiental.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 21-59.

MARTIN, Andrey Mini. **Produzir Energia, (PRO)mover o Progresso:** O complexo Hidrelétrico Urubupungá e os Caminhos do Setor Energético. Tese (doutorado em História) Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2016.

SCHREINER, Davi Felix. **Entre a Exclusão e a Utopia:** um Estudo sobre os processos de Organização da Vida Cotidiana nos Assentamentos Rurais. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2002.

Fontes Orais

ABATTI, Miguel. Entrevista sobre os Reassentamentos da UHE de Salto Caxias. [mai. 2017]. Entrevistador: Fernando Marciniak. Boa Esperança do Iguaçu, 2017.

COELHO, Antônio. Entrevista sobre os Reassentamentos da UHE de Salto Caxias. [mai. 2017]. Entrevistador: Fernando Marciniak. Boa Esperança do Iguaçu, 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

RODRIGUES, Salvador. Entrevista sobre os Reassentamentos da UHE de Salto Caxias. [mai. 2017]. Entrevistador: Fernando Marciniak. Boa Esperança do Iguaçu, 2017.